

Indiciarismo, História Íntima e Gênero na Casa-Grande e na Senzala de Gilberto Freyre

Claudio Marcio Coelho¹

Resumo: Este ensaio discute a contribuição do pensador pernambucano Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) para o estudo e a pesquisa da História Íntima e do Gênero na formação da sociedade brasileira. Ademais, investigamos como estes temas foram analisados pelo autor a partir de sua perspectiva indiciária dos fenômenos históricos e sociais. Defendemos a hipótese de que o apreço freyreano pelos “detalhes” contribuiu decisivamente para a construção de uma teoria social acerca das relações e significados de gênero no Brasil colonial: relações marcadas pela violência e pela dominação masculina. Realizamos esta discussão a partir das proposições teóricas de autores como Fernando Henrique Cardoso, Mariza Corrêa, Leila Algranti, Mary Del Priore, Ronaldo Vainfas, Peter Burke, entre outros.

Introdução

*Gilberto Freyre não conclui.[...] Não oferece, nem pretende, uma explicação global. Analisa fragmentos e com eles faz-nos construir pistas para entender partes da sociedade e da história.*²

Casa-Grande & Senzala (1933) – obra clássica, polêmica, intrigante – apresenta uma abordagem que se destaca pela inovação teórica e metodológica no pensamento social brasileiro. Nela, Freyre descreve a formação do país com um pé na cozinha e com um olhar que mira o canavial da perspectiva do alpendre.³

O livro é o primeiro da grande obra intitulada *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Publicado em 1933, tornou-se um clássico da sociologia

¹ Sociólogo e Historiador Social (2007). Coordenador Administrativo do NEI – Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFES.

² CARDOSO, Fernando Henrique. *Um livro perene - apresentação da edição comemorativa dos 70 anos de Casa-Grande & Senzala*. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003. p.24.

³ VENTURA, Roberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Publicafolha, 2000. p.76.

brasileira, destacando-se juntamente com *Evolução política do Brasil* (1934), de Caio Prado Júnior, e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, marcos teóricos no pensamento social brasileiro. Darcy Ribeiro destacou sua importância e comparou seu reconhecimento ao lado de **Sertões** (1902), de Euclides da Cunha. Em 1936, Freyre publicou *Sobrados & Mucambos*, segundo livro de sua trilogia. *Ordem & Progresso*, último da série, foi publicado em 1959.

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso afirma que apesar do conservadorismo, das idealizações, do gosto pela palavra sufocando o rigor científico e das contradições “a etnografia do livro é, no dizer de Darcy Ribeiro, de boa qualidade”.

[...] por trás das descrições, às vezes romaneadas e mesmo distorcidas, há muita pesquisa [...] todos que vem lendo *Casa-Grande & Senzala*, há 70 anos, mal iniciada a leitura, sentem que estão diante de obra marcante.⁴

Para Cardoso, “é inútil rebater as críticas, elas procedem”. O fato é que, apesar das limitações, *Casa-Grande & Senzala*, “foi, é e será referência para a compreensão do Brasil”.⁵

Os historiadores Lucien Febvre e Fernand Braudel, e o crítico Roland Barthes consideram Gilberto Freyre um “escritor sensível à matéria palpável”. Para estes consagrados pensadores, *Casa-Grande & Senzala* representa uma importante renovação nos estudos históricos e sociais.⁶ Freyre contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do pensamento social brasileiro. Seu ensaísmo surgiu concomitantemente com o processo de institucionalização da sociologia brasileira.

⁴ CARDOSO, op. cit., p.20. nota 2.

⁵ Ibid., p.19.

⁶ VENTURA, op. cit., p.15, nota 3.

O historiador Peter Burke lembra que Fernand Braudel esteve no Brasil, passando pela USP, nos anos 30, quando ministrou aulas memoráveis. Naquela ocasião, Braudel conheceu Gilberto Freyre e ficou impressionado com a representação da Casa-Grande como “um microcosmo e como metáfora da sociedade híbrida, agrária e escravocrata”. Braudel citou Freyre em sua obra, e escreveu a introdução à edição italiana de *Casa-Grande & Senzala*, em 1965.

O pensamento de Freyre foi marcadamente discutido por historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos. Muitos reconheceram a importância de suas proposições para a compreensão do Brasil. Outros destacaram suas deficiências, distorções e limitações. Apesar das divergências, seus críticos e entusiastas concordam em um ponto importante: a obra representa uma inovação para a pesquisa histórica e social. Nela, Freyre fez uso de fontes (até então) menosprezadas pela maioria dos cientistas sociais brasileiros de sua época.

No prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, o autor descreveu algumas fontes inusitadas como: *cadernos ‘recolhedores de fatos’; cartas e arquivos de famílias; livros de viagem; cartas de Jesuítas; livros e cadernos de modinhas, de receitas de bolos e doces; coleções de jornais; livros de etiqueta*, entre outras.

Gilberto Freyre revolucionou a pesquisa social no Brasil. Sua obra clássica apresentou um conjunto expressivo de fontes aparentemente pouco reveladoras de nosso passado colonial. As fontes utilizadas pelo autor revelam a realização de uma pesquisa marcadamente detalhada, abrangente, inovadora. A importância que atribuiu às fontes secundárias, aparentemente sem valor histórico-científico, demonstra a renovação que inaugurou nas ciências sociais brasileiras na década de 1930.

Freyre foi um pesquisador-detetive. Analisou *‘fragmentos’* do passado brasileiro, mas não concluiu. Convidou seus leitores a construir *‘pistas’* para

entender as relações históricas e sociais. F. H. Cardoso identificou as categorias do *Método Indiciário* na obra de Freyre.

[...] Gilberto Freyre não conclui. Sugere, é incompleto, é introspectivo, mostra o percurso, talvez mostre o arcabouço de uma sociedade. Mas não “totaliza”. Não oferece, nem pretende uma explicação global. Analisa fragmentos e com eles faz-nos construir pistas para entender partes da sociedade e da história.⁷

O método indiciário valoriza os detalhes do contexto social. Através da investigação e análise destes indícios o pesquisador pode reconstruir a história da sociedade estudada. No entanto, para reconstruir a história humana, o pesquisador precisa rejeitar a facilidade do paralelo; desconfiar das inferências e conclusões prematuras; duvidar das evidências, pois “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a realidade complexa não experimentável diretamente”, isto é, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.⁸

Freyre valorizou os detalhes na pesquisa social. Seu estudo da história do cotidiano e da vida íntima colonial resulta da busca de indícios sobre o passado colonial brasileiro.⁹ As relações sociais macroestruturais (política e economia) aparecem em sua obra na análise dos atores sociais e dos aspectos microestruturais (o senhor de engenho, a senhora branca, os escravos, a família, a

⁷ CARDOSO, op. cit., p. 24, nota 2.

⁸ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. – São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p.152 e 177.

⁹ Os termos ‘*período colonial brasileiro*’, ‘*formação do Brasil*’, ‘*família patriarcal brasileira*’, e outros semelhantes, são aqui apresentados apenas para compreensão didática dos temas discutidos, pois compreendemos absolutamente que os protagonistas deste período não sabiam que a Colônia iria se constituir, no século XIX, num Estado nacional. O Brasil era, neste contexto, uma mera Colônia portuguesa. Por isso, o termo ‘*América portuguesa*’ é mais apropriado para evitarmos os anacronismos subjacentes aos termos anteriormente citados. Cf. NOVAIS, Fernando A. *Condições de privacidade na colônia*. In: MELLO e SOUZA, Laura de (Org). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1, p.17.

sexualidade, a mulher e o homem). As relações sociais entre os habitantes da Casa-Grande e a Senzala permitiram a discussão de temas interdependentes: miscigenação, escravidão e relações de gênero.

Como a dominação masculina estava estruturada na América portuguesa? Como as relações sociais entre homens e mulheres foram construídas neste contexto? Como os significados e relações de gênero contribuíram para a formação da sociedade colonial? Quais espaços de resistência (ou de sobrevivência) foram elaborados pelas mulheres num contexto dominado pelos homens?

Considerando a hipótese de que o pensamento de Gilberto Freyre tenha muito mais a nos oferecer do que geralmente revelam seus críticos, pretendemos rastrear a obra *Casa-Grande & Senzala* para identificar e discutir as proposições do autor sobre o estudo da vida íntima, da família, das relações de gênero, da sexualidade e das mulheres. Num segundo momento, analisaremos as principais críticas e contribuições de alguns pensadores aos temas discutidos pelo “modelo freyriano”. Por fim, concluiremos nossa análise com uma breve discussão dos limites e inconsistências das críticas apresentadas.

Vida íntima, família, sexualidade e relações de gênero na América portuguesa.

No prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre denuncia a tirania dos senhores de engenho no período colonial brasileiro. A dominação masculina estava alicerçada pela posição política, econômica e social ocupada pelo homem num contexto onde os senhores rurais assumiam a condição de ‘donos das terras’, ‘donos dos escravos’, ‘donos dos homens’ e ‘donos das mulheres’. Para Freyre, a força estava concentrada nas mãos destes aristocratas. Sua análise revela os significados de gênero masculino

subjacentes ao contexto de opressão e dominação das mulheres e de outros homens.

A casa-grande venceu no Brasil a Igreja, nos impulsos que esta a princípio manifestou para ser a dona da terra. Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal. “Feias e fortes”. Paredes grossas. Alicerces profundos. Óleo de baleia. [...] O suor e às vezes o sangue dos negros foi o óleo que mais do que o de baleia ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistência quase que de fortaleza.¹⁰

A condição de senhor rural por si só estabelecia significados, sentidos e valores da dominação masculina, pois estes aristocratas (donos de homens e mulheres) não mediam esforços para legitimar seu poder e tirania.

Freyre elegeu a casa-grande como microcosmo social representativo da formação da sociedade colonial brasileira. Sua proposição teórica e metodológica não foi simples desconsideração da existência de outras formas de moradia neste contexto. Sua escolha foi proposital, pois preferiu a perspectiva micro-histórica e micro-sociológica. Ao analisar a história da vida íntima na casa-grande colonial, o autor valorizou os aspectos particulares e regionais organizadores (ou estruturantes) da vida social, política e econômica na colônia. O “modelo freyriano” de análise social, parte do particular e regional para o geral. Para Freyre, a casa-grande colonial foi o cenário (principal) que exprimiu o caráter brasileiro.

¹⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 30. ed. – Rio de Janeiro: Record, 1995. p.lvii.

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas crendices da senzala. O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana [...] Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro: a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimos-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.¹¹

Freyre discutiu as dificuldades decorrentes da pesquisa sobre o universo íntimo feminino. Para o autor, “aqui o confessor absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres essa vontade de se revelarem aos outros”. A condição da mulher na colônia foi denunciada pelo autor na discussão sobre os desafios da pesquisa baseada em fontes redigidas quase que totalmente por homens. Para Freyre, nossas “avós, tantas delas analfabetas, mesmo quando baronesas e viscondessas, satisfaziam-se em contar os segredos ao padre confessor e à mucama de estimação, e sua tagarelice dissolveu-se quase toda nas conversas com as pretas boceteiras”.¹²

¹¹ *Ibid.*, p.lxv.

¹² *Ibid.*, p.lxvi.

A análise freyriana da vida íntima na colônia foi construída a partir da pesquisa de detalhes e costumes cotidianos da antiga família patriarcal. O autor pesquisou registros de família, cartas pessoais, cadernos de anotações, o folclore e os costumes da época, a música e a culinária nas regiões rurais, e grandes obras do romance brasileiro. Os dados obtidos pela pesquisa foram enriquecidos pela análise dos traços arquitetônicos, de retratos, pinturas, obras de arte, jóias, móveis, vestuário, objetos pessoais, visita a alguns engenhos do interior de Pernambuco e da Paraíba, e relatos de ex-escravos. Freyre realizou uma investigação detalhada e inovadora. Sua proposta investigativa consistia na interpretação de aspectos pequenos da intimidade e das relações sociais da casa-grande colonial. Nos encontros e desencontros entre a casa-grande e a senzala surgiram relações sociais interdependentes como: religiosidade, gênero, escravidão, sexualidade, miscigenação. Desta forma, o autor conduz o leitor a uma incursão pela cotidianidade colonial.

Freyre não é só uma obra; é um método. Direi mais: por sua preparação especializada nos grandes centros, com os grandes mestres, trouxe-nos ele as chaves de que precisávamos para poder entrar não só nos palácios encantados, nos casarões mal-assombrados, solares, engenhos, senzalas, sobrados e mucambos, como para descermos aos desvãos e camadas inferiores de onde emergiu o Brasil dos nossos dias. Por seu caráter ecumênico, não é de se estranhar assim que sua obra interesse a tanta gente e dela se possa servir e nela encontrar caminho por onde andar não só homem de ciência, como o poeta e o artista.¹³

Para Freyre, a família foi o grande fator colonizador no Brasil. Acima das ações individuais, do Estado português e das companhias de comércio, a família foi desde o século XVI, a principal unidade produtiva, o capital que financiou a exploração agrícola, que instalou as fazendas, comprou escravos, animais e

¹³ Gilberto Amado (op. cit., nota 10. p.lxxxii).

ferramentas, foi à força social que se desdobrou em relações políticas, formando uma aristocracia rural poderosa e dominante. Estas relações aparecem nos senados de Câmara, como expressões do familismo político, limitando o poder dos reis e até mesmo do poder imperial, que foram encarados como representação deliberada do parasitismo econômico, estendendo seus tentáculos absorventes da metrópole às colônias.¹⁴ Freyre considera a família colonial um órgão vivo e absorvente de formação social, que reuniu “sobre a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e econômicas”. Mas o seu domínio também se fez presente no campo político, pois o “oligarquismo ou nepotismo, que aqui madrugou”, chocou-se até mesmo com o clericalismo dos padres da Companhia de Jesus.¹⁵

O intercuro sexual entre o conquistador europeu e a mulher índia ou negra caracterizou-se pela violência e a dominação. Este contexto estabeleceu circunstâncias marcadamente desfavoráveis para estas mulheres. Freyre afirma que o “furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo”. Para Freyre, as condições sociais e econômicas de nossa formação patriarcal foram responsáveis por comportamentos contrastantes e degradantes na colônia: o sadismo do branco conquistador e o masoquismo de mulheres índias e negras. A dominação masculina, justificada (principalmente) pelas circunstâncias econômicas explica o fato “da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem”.¹⁶

A mulher branca não estava imune a esta dominação, pois apesar dos privilégios e do conforto da casa-grande, estava sujeita ao poder masculino. Como objeto de adorno no lar colonial, depositária da moral e da pureza, criatura submissa e “reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido”, seu sadismo se manifestou, “quando grande senhora, sobre os

¹⁴ Ibid., p.18-9.

¹⁵ Ibid., p.23.

¹⁶ Ibid., p.50-1.

escravos, principalmente sobre as mulatas”; seja por ciúme ou por inveja sexual.¹⁷

Não deve ficar sem reparo o fato de, num país por longos séculos de escravos e de mulheres recalcadas pela extrema pressão masculina, o culto dominante entre a maioria católica ser o masoquista, sentimental, do Coração de Jesus. É comum entre os poetas um como exibicionismo do coração sofredor. A nossa literatura amorosa, tanto quanto a devocional e mística, está cheia de corações a sangrarem voluptuosamente; ou então magoados, doloridos, feridos, amargurados, dilacerados, em chamas. etc. etc.¹⁸

A preferência da mulher indígena pelo homem europeu ocorreu por motivo mais social que sexual, pois a ambição de ter filhos com a ‘raça superior’ foi uma atitude deliberada de sobrevivência e busca de aceitação social na sociedade colonial. Freyre atribuiu à mulher indígena um conjunto expressivo de contribuições para formação da sociedade colonial. Para Freyre, à “mulher gentia temos que considerá-la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus”. Elemento valioso de cultura material, por seu intermédio a vida na colônia foi enriquecida pela introdução e uso de alimentos, drogas, remédios caseiros, utensílios de cozinha, de processos de higiene diária, do asseio pessoal, do cuidado com o corpo, da rede, entre outros. Mas também contribuiu para as relações afetivas. A cunhã correspondeu vantajosamente pelo trabalho doméstico e agrícola, pela estabilidade e cuidado com as tradições ligadas ao desenvolvimento infantil.

O homem indígena, por sua vez, contribuiu formidavelmente para o estabelecimento da colonização. Índios e mamelucos participaram ativamente da obra de desbravamento e conquista dos sertões. Seja como guia, canoieiro,

¹⁷ Ibid., p.51.

¹⁸ Ibid., p.87 (Cf. nota 177).

guerreiro, caçador, pescador ou muralha movediça viva, permitindo o alargamento das fronteiras coloniais no sentido ocidental, muito auxiliou o índio aos bandeirantes. Também defenderam, na região açucareira, os estabelecimentos agrários dos ataques de invasores e piratas estrangeiros. Lutou ao lado dos portugueses contra invasores franceses e holandeses em diversas regiões.¹⁹

Para Freyre, dos três elementos étnicos básicos que formou a sociedade colonial (o índio, o português e o negro), o mais francamente sexual e libidinoso foi o português. Sua análise do intercuro sexual do conquistador sobre as mulheres das etnias dominadas tornou-se um preâmbulo da violência sexual masculina. Os portugueses foram os responsáveis pela luxúria, lubricidade e depravação sexual instaurada na América portuguesa. Freyre oferece pistas ao leitor para reflexão deste contexto. Nos capítulos analisados lemos: “o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado”.²⁰ A sifilização da sociedade colonial recebeu destaque na sociologia de Freyre.

Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando no amor físico os filhos-família. [...] É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio, mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual [...] Mas é preciso notar que o negro se sifilizou no Brasil. Um ou outro viria já contaminado. A contaminação em massa verificou-se nas senzalas coloniais. A “raça inferior”, a que se atribuiu tudo que é handicap no brasileiro, adquiriu da “superior” o grande mal venéreo que desde os primeiros tempos de colonização nos degrada e diminui. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens,

¹⁹ Ibid., p. 94-5.

²⁰ Ibid., p. 47.

ainda mulecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades.²¹

O homem negro não recebe grande destaque na análise freyriana. Freyre limita-se em considerá-lo um elemento ativo, fácil, plástico, adaptável, criativo. Longe da condição de “animais de tração” e “operários de enxada”, desempenharam uma função civilizadora. Degradados pela escravidão, rebaixados a condição de inferioridade racial e cultural, representavam neste contexto, a “mão direita” da formação agrária da colônia.²²

Freyre identifica na linguagem comumente utilizada na colônia os antagonismos resultantes das relações de poder e sujeição entre senhores e escravos, brancos e negros, homens e mulheres, e revela nesta análise os significados de gênero impregnados nos modos de expressão. Seja pela necessidade de mando ou cerimônia, por um lado, e de intimidade ou súplica, por outro. As relações interpessoais entre senhores e escravos, entre sinhá-moças e mucamas, entre brancos e negros, foram marcadas por expressões como: “Faça-me”, é o senhor, o pai, o patriarca falando; “me dê”, é o escravo, a mulher, o filho, a mucama. Ao atribuir a mulher os significados de sujeição, dominação e exploração comuns aos escravos ou negros, Freyre reafirma a identidade de gênero socialmente construída para a mulher neste contexto.

Recorrendo aos relatos de viajantes, aos cronistas, ao folclore e a tradição oral do período colonial, Freyre discute a crueldade das senhoras no tratamento dos escravos, principalmente das escravas, mucamas bonitas assediadas e amantes dos senhores.

Sinhá-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender

²¹ Ibid., p. 316-7.

²² Ibid., p. 307.

mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara e as orelhas. Toda uma série de judiaria.²³

Freyre chama a atenção do leitor para o depoimento de Mrs. Kindersley (no século XVIII), que achou horrorosa a situação das mulheres da colônia. Ignorantes e beatas, não sabiam vestir-se, pois trajavam-se como ‘macacas’ – saia de chita, camisa de flores bordadas, corpete de veludo, faixa. Por cima dessas vestimentas, muito ouro, colares, pentes e braceletes. Mrs. Kindersley notou que muito embora, as mocinhas e meninas não fossem feias, “as brasileiras envelheciam depressa”, e “seu rosto tornava-se logo de um amarelo doentio”.

Resultado, decerto, dos muitos filhos que lhes davam os maridos; da vida morosa, banzeira, moleirona, dentro de casa; do fato de só saírem de rede e debaixo de pesados tapetes de cor [...] ou então de bangüê ou liteira; e no século XIX de palaquim e carro de boi.²⁴

De modo geral, as mulheres da colônia, casavam-se cedo: aos doze, treze ou quatorze anos. Este costume era levado tão a sério que muitas famílias ficavam deveras preocupados com filhas de quinze anos que ainda estivessem solteiras. Logo iniciavam promessas para Santo Antônio e para São João. Todavia, sabemos que muitos (ou a maioria) dos casamentos entre filhos de famílias patriarcais eram realizados por interesses econômicos e políticos. Desde o século XVI, a virgindade era muito valorizada, por isso, essas famílias preocupavam-se em casar a menina o quanto antes, com receio de que perdesse a pureza. Freyre lembra que no período colonial acreditava-se que “depois de certa idade as mulheres pareciam não oferecer o mesmo sabor de

²³ Ibid., p. 337.

²⁴ Ibid., p. 345.

virgens ou donzelas” que aos doze ou treze anos, pois perdiam o “provocante verdor de meninas-moças apreciado pelos maridos”.²⁵ Em meados do século XIX encontramos muitos casos de velhos de setenta anos casados com meninas de quinze.²⁶

Freyre lembra que em 1930, nas velhas zonas rurais, o folclore guarda resquícios do costume que atribuía grande importância aos casamentos com meninas de pouca idade. A idéia de que a virgindade só teria valor se colhida verde está presente nas tradições populares das zonas rurais de Pernambuco:

Meu São João, casa-me cedo,
Em quanto sou rapariga,
Que o milho rachado tarde
Não dá palha nem espiga.

Em outras regiões do Brasil encontramos esta mesma idéia:

Minha mãe, nos case logo
Quando somos raparigas:
O milho plantado verde
Nunca dá boas espigas.²⁷

Segundo Freyre, muitos viajantes que visitaram a colônia registraram o contraste entre a “frescura encantadora” das meninas e a aparência estéril ou pouco saudável das matronas de mais de dezoito anos. Depois de casadas logo ficavam gordas, moles, pálidas, murchavam ou tornavam-se fortes, corpulentas, com aparência rude.

²⁵ Ibid., p.346.

²⁶ BURTON apud FREYRE, op. cit., nota 10. p.402 (Cf. nota 156).

²⁷ Ibid., p. 347.

Freyre recusou as idéias racistas de sua época. Desconstruiu as suposições de que através da ama-de-leite, o menino (ou menina) branco da casa-grande tenha recebido influências nefastas atribuídas aos escravos negros: doenças e superstições africanas. Para Freyre, os “germes de doenças, recebeu-os muitas vezes; e outras os transmitiu; mas recebeu também nos afagos da mucama a revelação de uma bondade porventura maior que a dos brancos”, e conclui: “de uma ternura como não a conhecem igual os europeus”.²⁸ Ao discutir a inconsistências das idéias racistas da época, Freyre realça a importância da ama-de-leite (mulher negra, escrava) para a formação psicoemocional das crianças brancas (filhos da casa-grande). As conseqüências deste desenvolvimento (resultante do aparato afetoso e maternal) podem ser percebidas pelo “contagio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros”.²⁹ Este aspecto teórico e metodológico da análise freyriana aproxima-se marcadamente da idéia de ‘circularidade da cultura’ de Mikhail Bakhtin.³⁰

Freyre chama a atenção do leitor para os costumes e práticas comuns nas zonas rurais da colônia: “Nenhuma Casa-Grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões”.³¹ Os adjetivos de raparigueiro, femeeiro ou deflorador de mocinhas eram muito valorizados. Que o rapaz não demorasse em emprenhar negras, escravas, aumentando o “rebanho e o capital” do senhor, seu pai. Muitas tradições rurais registram o comportamento de Senhores e Senhoras que empurravam para os braços dos filhos donzelos negrinhas e mulatinhas “capazes de despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual”.³²

²⁸ Ibid., p. 355.

²⁹ Ibid., p. 355.

³⁰ Cf. BAKHTIN, Mikhail M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. – São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UNB, 1987.

³¹ FREYRE, op. cit., p. 372.

³² Idem. p. 372.

Freyre discute os rigores da educação destinada ao filho e a menina. Ao filho logo cedo (ainda na adolescência) era ensinado o comportamento formal e seco do mundo adulto. Deveria conservar-se calado, com ar seráfico, e sempre tomar benção dos mais velhos. Ao pai deveria chamar “Senhor pai”, e a mãe “Senhora mãe”. A intimidade de infância que lhe permitia chamá-los de “papai” e “mamãe” deveria dar lugar a formalidade e a reverência. Somente depois de casado é que poderia fumar na presença do pai. Até para fazer a barba deveria pedir permissão. À menina negava-se tudo que porventura pudesse representar independência. As meninas deveriam comportar-se de forma recatada e humilde. Educadas num ambiente rigoroso, as meninas estavam sempre a mercê da “mais dura tirania dos pais”, que seria posteriormente substituída pela tirania do marido.

Freyre relata diversos casos de mulheres assassinadas por maridos ciumentos e violentos. Maridos atormentados pela possibilidade da traição: vergonha social e moral numa sociedade que cultuava a virilidade e a macheza, atributos supremos da dominação masculina. Muitas mulheres (juntamente com seus supostos amantes) foram brutalmente assassinadas por denúncias que partiam de pessoas inimigas, invejosas ou maldosas. Algumas (talvez muitas) de fato procediam, pois as proibições religiosas, morais e sociais não bastavam para impedir os encontros amorosos extraconjugais. Embora o comportamento sexual e moral comumente praticado entre mulheres da colônia fosse o recato, a pureza e a fidelidade ao marido, muitos relatos de viajantes, registros de família, civis e de paróquias atestam os casos de infidelidade conjugal. Estes casos revelam a insustentabilidade da idéia de passividade, submissão e covardia da mulher colonial. Relatos de viajantes estrangeiros e de missionários católicos (principalmente de jesuítas) registram a história das mulheres na colônia. Apesar dos preconceitos presentes nestes registros, que atribuíam a “mulher brasileira” comportamentos luxuriantes, aventuras, devassidão e grande fogo sexual, a imagem passiva e submissa da mulher colonial contrasta com os diversos casos de mulheres que “arriscavam a honra

e a vida por uma aventura de amor”.³³ As dificuldades advindas deste comportamento socialmente reprovado num contexto altamente moralizante e favorável ao homem, permitem inferir a coragem e a determinação destas mulheres. Freyre lembra que a mulher colonial sempre estava cercada por olhos indiscretos: olhos de frades e padres; de sogras; de parentes e vizinhos; olhos de empregados do senhor; de negros e escravos; de maridos ciumentos e machões.

A análise freyriana apresenta indícios que denunciam a degradação física, psicossocial, moral, social e religiosa das mulheres das “raças dominadas” pela ação dos colonizadores europeus. Mas esta violência partiu principalmente da dominação e tirania masculina.

O que houve no Brasil – cumpre lembrar mais uma vez acentuar com relação às negras e mulatas, ainda com maior ênfase do que com relação às índias e mamelucas – foi a degradação das raças atrasadas pelo domínio da adiantada. Esta desde o princípio reduziu os indígenas ao cativeiro e à prostituição. Entre brancos e mulheres de cor estabeleceram-se relações de vencedores com vencidos – sempre perigosas para a moralidade sexual.³⁴

Freyre denuncia a omissão dos missionários jesuítas na defesa das mulheres negras. Muitos foram os protestos dos missionários católicos contra a degradação da mulher indígena. As negras não receberam a mesma atenção por parte da igreja. A ação missionária dos padres estava voltada apenas para a evangelização dos índios. Não poderia ser diferente, pois para a igreja, assim como para as demais instituições sociais européias, os negros estavam associados ao animalesco e a escravidão.

³³ Ibid., p. 424.

³⁴ Ibid., p. 426.

Para Freyre, o perfil característico da dominação masculina na colônia pode ser fidedignamente representado pela figura do senhor de engenho, caracterizado pelo autor como 'senhor de rede':

Ociosa, mas alagada de preocupações sexuais, a vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rede. Rede parada, com o senhor descansando, dormindo, cochilando. Rede andando, com o senhor em viagem ou a passeio debaixo de tapetes ou cortinas. Rede rangendo, com o senhor copulando dentro dela. Da rede não precisava afastar-se o escravocrata para dar suas ordens aos negros; mandar escrever suas cartas pelo caixeiro ou pelo capelão; jogar gamão com algum parente ou compadre. De rede viajavam quase todos – sem ânimo para montar a cavalo: deixando-se tirar de dentro de casa como geléia por colher. Depois do almoço, ou do jantar, era na rede que eles faziam longamente o quilo – palitando os dentes, fumando charuto, cuspidando no chão, arrotando alto, peidando, deixando-se abanar, agradar e catar piolho pelas mulequinhas, coçando os pés ou a genitália; uns coçando-se por vício; outros por doença venérea ou da pele.³⁵

Críticas e contribuições às proposições de Gilberto Freyre em Casa-Grande & Senzala.

Em *Repensando a família patriarcal brasileira* (1981), texto clássico da sociologia brasileira, Mariza Corrêa discute as formas de organização familiar no Brasil. Para Corrêa, a história da organização familiar no Brasil reproduz um determinado modelo de família: a “família patriarcal” – tipo fixo de relações sociais que perpetua a dominação patriarcal no tempo e no espaço colonial.

³⁵ Ibid., p. 429.

Corrêa cita a obra de Gilberto Freyre (especialmente *Casa-Grande & Senzala*, 1933) e o ensaio clássico de Antônio Candido (*The brazilian family*, 1951) como trabalhos teóricos responsáveis pela consolidação do modelo de “família patriarcal”. Para a autora, estes pensadores compartilham “com muitos outros estudiosos a ilusão de que o estudo da forma de organização familiar do grupo dominante”, numa determinada região e época, “possa substituir-se à história das formas de organização familiar da sociedade brasileira”.³⁶

A consequência teórica e metodológica desta perspectiva foi a “homogeneização histórica” da organização familiar no período colonial. Considerando o modelo patriarcal no século XVI e XVII, na região açucareira pernambucana, ou no século XVIII e XIX, na região cafeeira do sudeste, como matriz das relações sociais na colônia, os autores legitimaram o modelo da família dominante como representação histórica mais expressiva da família brasileira.

Para Corrêa, as proposições de Freyre e Candido revelam aspectos e categorias do darwinismo social do século XIX, pois pretendem que uma sociedade multifacetada, móvel, flexível e dispersa esteja acomodada em um modelo social fixo, isto é, “dentro de limites do engenho ou da fazenda: lugares privilegiados do nascimento da sociedade brasileira”. Incorporam o olhar dos habitantes da casa-grande (dos senhores brancos e suas famílias) e assumem uma perspectiva que revela uma “aparente multiplicidade na evocação dos fatos empíricos”, no entanto, valorizam mais os “detalhes folclóricos e superficiais” do que a multiplicidade das “diferentes formas de relações sociais”.³⁷

Segundo M. Corrêa, os estudos de Florestan Fernandes (1971), Caio Prado Junior (1973) e de M. Izaura Pereira de Queiroz (1976) indicam que a

³⁶ CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira*. In: ALMEIDA, Maria Suely K. de (Org). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. – São Paulo: Brasiliense, 1982. p.17.

³⁷ *Ibid.*, p.22.

ocupação do espaço social, a distribuição do trabalho e das atividades ligadas à economia agrária, o controle dos lucros advindos destas atividades, a produção e circulação de mercadorias constituíam um conjunto complexo de relações sociais, políticas e econômicas que transcendiam os limites do engenho e das atividades desenvolvidas pelos bandeirantes. O modelo de organização familiar patriarcal não alcança a multidimensionalidade das relações familiares nas regiões da América portuguesa.

Corrêa afirma que a perspectiva consagrada por Gilberto Freyre da casa-grande e a senzala, do senhor e o escravo, da cama e a cozinha, constitui uma versão dualista da sociedade colonial. Sua análise sociológica explica apenas a extensão dos dois pólos contraditórios e confraternizantes (que para Corrêa foi muito mais de violência e dominação). Esta concepção dualista resulta da “aceitação de uma impossível autonomia dessa sociedade nascente”. A sociedade colonial é representada como uma “sociedade primitiva”, sem Estado. O conceito de “família patriarcal” em Freyre representa a pretensão de instaurar “uma história universal” da sociedade brasileira por meio da “destruição das histórias particulares”³⁸; assume a condição de um objeto dado, individualizado, fixo; achata as diferenças; padroniza as relações familiares; comprime os diferentes modelos de família na colônia ao um molde referencial e hegemônico; pretende a consolidação da família aristocrática como modelo preponderante; marginaliza os modelos fora do patriarcalismo.

Para M. Corrêa, a concepção freyriana de que o povo brasileiro descende diretamente do cruzamento dos “nobres” da casa-grande e dos “nobres” da senzala, bem como, do aprimoramento genético proporcionado pelos filhos de “padres garanhões”, representa o aspecto ‘ativo’, ‘masculino’ e ‘adulto’ de nossa formação. O indígena, elemento fundamental do povoamento paulista, foi caracterizado por Freyre como uma etnia de menor importância, representando o aspecto ‘infantil’, ‘feminino’ e ‘passivo’. Freyre considerou o esforço português para colonização das terras brasileiras uma extraordinária

³⁸ GIANOTTI apud CORRÊA, *Ibid.*, p.25.

demonstração de virilidade dos brancos. A ênfase de Freyre na dominação masculina acaba encobrindo a ação de mulheres que destoavam do comportamento socialmente aceito. Corrêa alerta para as distorções e imediatismos das análises que reforçam a submissão ou inferioridade da mulher colonial. Pesquisas recentes (trabalhos de historiografia, sociologia e antropologia de 1980) revelaram a inconsistência da homogeneização das relações familiares, conjugais, morais e sexuais, e das relações de gênero na colônia.

No livro *Honradas e devotas: mulheres da colônia* (1993), Leila Mezan Algranti lembra que os estudos recentes sobre a sociedade colonial não corroboram (como se imaginava desde o início do século XX) a idéia preponderante da passividade, reclusão e submissão feminina no período colonial. Estes estudos partiram das concepções amplamente difundidas do pensamento de Gilberto Freyre, Paulo Prado e Alcântara Machado. A obra *Casa-Grande & Senzala* tornou-se (no início do século XX) o mais famoso retrato social da família colonial, e reforçou os estereótipos de reclusão, passividade e de religiosidade feminina. Algranti lembra que a insistência na negação deste modelo não deve conduzir os pesquisadores contemporâneos a superação destes estereótipos pela legitimação de outros: a mulher rebelde ou vítima.

Em busca de um novo perfil da mulher brasileira, historiadores e antropólogos vasculham os arquivos e não só comprovaram a participação da mulher na história, mas também localizaram exemplos de combatividade feminina e de sua resistência à dominação masculina. Entretanto, muitas outras mulheres, humildes ou da elite, viveram reclusas, foram enviadas para a clausura e submeteram-se à dominação masculina em silêncio, sem provocar grande burburinho, distantes dos registros cartoriais ou policiais [...] Romper com o estereótipo da reclusão das mulheres pode

significar excluir da história as menos ousadas, possivelmente a grande maioria.³⁹

Os relatos dos estrangeiros viajantes nas terras coloniais influenciaram decisivamente a produção historiográfica que reforçou a imagem polarizada entre mulher rica (senhora) e escrava. Estes registros conferem pouca ou nenhuma atenção às mulheres de outros grupos sociais. Os cientistas sociais (de 1930 a 1960) foram amplamente influenciados pelos relatos de viajantes e missionários do período colonial, por isso, acabaram reproduzindo as idéias preconceituosas que reafirmam a reclusão e o excesso de religiosidade da mulher branca, e os estereótipos da dominação masculina sobre mulheres brancas e negras.

A autora lembra que Freyre reconhecia a multiplicidade de comportamentos femininos na colônia, mas estas idéias só aparecem de forma explícita na obra *Sobrados & Mucambos* (1936). Em um capítulo sobre o homem e a mulher, Freyre discute a presença de mulheres “fortes”, verdadeiras “machonas” na colônia. Mulheres que comandavam fazendas com centenas de escravos; letradas e instruídas; afrancesadas; independentes, pois não aceitavam a autoridade dos pais e maridos; que fugiam de casa para se casar ou rompiam laços matrimoniais. Mulheres que não representavam a maioria, mas que corajosamente enfrentaram a dominação masculina, apesar da reprovação social ou da violência física e moral por parte dos pais e maridos.

[...] através de toda a época patriarcal, houve mulheres, sobretudo senhoras de engenho, em quem explodiu uma energia social, e não simplesmente doméstica, maior que a do comum dos homens. Energia para administrar fazendas, como as donas Joaquinas do Pompeu; energia para dirigir a política partidária da família, em

³⁹ ALGRANTI, Leila M. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822.* – Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edumb, 1993. p.59.

toda uma região, como as donas Franciscas do Rio Formoso, energia guerreira, como as das matronas pernambucanas que as distinguiram durante a guerra contra os holandeses.⁴⁰

Para Algranti, os estudos recentes sobre a história da mulher devem conduzir os pesquisadores ao reconhecimento da multiplicidade de significados e comportamentos de gênero na história da mulher da colônia. No capítulo '*Famílias e vida doméstica*' da coleção *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. v.1* (1997), dirigida por Fernando A. Novais, a autora apresenta importantes contribuições para a discussão sobre a história íntima e de gênero na colônia. Algranti afirma que a família colonial assumiu diversas formas de organização social. A autora prefere pensar em domicílios que em famílias, pois o domicílio se sobrepõe à família no Brasil. No espaço dos domicílios coloniais encontramos a família nuclear, outras acrescidas de agregados e parentes próximos. Domicílios compostos por padres e suas escravas, concubinas ou afilhadas. Alguns domicílios eram formados por mulheres e seus filhos (apenas). Outros por comerciantes com seus caixeiros. Também encontramos relatos de domicílios onde filhos legítimos eram criados com filhos bastardos. Para Algranti, a diversidade das formas de domicílios exige que o pesquisador valorize as especificidades da família colonial "em função das características regionais da colonização e da estratificação social dos indivíduos".⁴¹

Algranti corrobora as proposições de Freyre sobre a importância do casamento no projeto colonizador: ocupar e tomar posse do território. O casamento foi legitimado pela metrópole portuguesa e pela igreja. Fortalecia as relações familiares, o desenvolvimento econômico e político da colônia, e dignificava as pessoas. Conferia status e segurança aos colonos.

⁴⁰ FREYRE, 1936 apud ALGRANTI, 1993. p. 60-1. nota 39.

⁴¹ ALGRANTI, Leila M. *Famílias e vida doméstica*. In: MELLO e SOUZA, Laura de (Org). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. – São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1, p. 87.

Como Gilberto Freyre, a autora valoriza o estudo da história colonial a partir da investigação de detalhes da vida íntima e da vida doméstica. Para Algranti, o pesquisador deve encontrar os resquícios da vida material e dos costumes domésticos para tecer as relações possíveis entre o domicílio e seus habitantes. Feito isso, precisa “delinear certas formas de relacionamento existentes entre os membros do domicílio ou de uma mesma família”.⁴² As proposições de Algranti constituem a busca de indícios que podem revelar as conexões mais expressivas da vida íntima. Seu texto destaca a importância dos objetos decorativos, utensílios domésticos, peças do mobiliário, louças, talheres, cálices, objetos pessoais, vestuário, jóias, obras de arte, mapas, e detalhes arquitetônicos para a análise historiográfica.

Algranti lembra que estudos recentes criticam o modelo monolítico de “família patriarcal” de Freyre. Estes estudos enfatizam os adultérios e concubinatos e o grande número de filhos ilegítimos no período colonial.

Sobre os casamentos neste período, Algranti afirma:

Desde o século XVI, quando, devido a falta de mulheres brancas, os colonos uniam-se em mancebias com as índias, era com as brancas do Reino que se casavam para estabelecer a descendência legítima e ampliar o patrimônio familiar. [...] As índias e negras deram-lhes muitos filhos bastardos, e as mulheres brancas, que foram aumentando paulatinamente em número, acabaram eleitas para o matrimônio.⁴³

A autora chama a atenção dos leitores para os equívocos e generalizações sobre a imagem dos senhores de engenho no período colonial.

⁴² Ibid., p.90.

⁴³ Ibid., p.136-7.

A imagem da preguiça generalizada do brasileiro é bastante forte em nosso imaginário e na iconografia do período colonial, que apontava para escravos e mucamas abanando seus senhores, os quais são vistos esticados em suas redes ou contavelmente instalados em suas cadeirinhas e seges de passeio. Deve-se lembrar, no entanto, que esses grandes proprietários foram minoria...⁴⁴

Ronaldo Vainfas, no capítulo *'Moralidades brasílicas'*, do mesmo livro, reconhece a necessidade de se evitar os estereótipos e generalizações apressadas sobre a formação da sociedade colonial consagradas por G. Freyre em *Casa-Grande & Senzala*. Contudo, alerta os pesquisadores para as possibilidades de se cair no pólo oposto, isto é, "o risco de supor uma sociedade quase européia em terra de hibridismos culturais e contrastes regionais acentuados"⁴⁵. O alerta de Vainfas revela sua preocupação com os extremismos teóricos, e reconhece as singularidades que caracterizam nossa formação social.

Vainfas critica o "modelo freyrano" de formação da sociedade colonial. Para o autor, Freyre generalizou os padrões de "família patriarcal" (da casa-grande) ao conjunto da sociedade colonial, adocicou os rigores da escravidão e do preconceito racial dos portugueses. Vainfas lembra que a sexualidade pluriétnica não se deu sem relações de poder, abuso sexual e sadismo, violência física (até mesmo o estupro), aculturação e exploração. Entre senhores e escravas predominaram relações de amancebamento, concubinato, chamegos, paixões e abusos sexuais. Contudo, o casamento entre brancos predominou.

⁴⁴ Ibid., p.150.

⁴⁵ VAINFAS, Ronaldo. *Moralidades brasílicas*. In: MELLO e SOUZA, Laura de (Org). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. – São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1, p. 224.

Se é verdade que os casamentos entre brancos e negras ou pardas não era uma impossibilidade total – o que as pesquisas histórico-demográficas demonstram com números –, não é menos verdade que prevaleceram nessas relações os “tratos ilícitos”, os concubinatos, as aventuras fugazes de que as visitas diocesanas dão mostra. Provavelmente radica-se, nesse padrão de relações, a origem do velho ditado: “branca pra casar, mulata pra foder, negra pra trabalhar”, palavrório recorrente entre os homens daquele tempo. [...] Misoginia e racismo, eis o tempero das relações pluriétnicas da colonização lusitana no Brasil, malgrado o empenho de Gilberto Freyre em adocicá-las. A tais enlances sexuais não faltaram ardor e mesmo afeto [...] Mas o padrão pluriétnico da sexualidade colonial, fiel às hierarquias, não faltaram também a humilhação das mulheres, os estigmas raciais de todo tipo, a obsessão pela descendência sem nódoa no sangue, vulgarizada no dia-a-dia por meio de palavrões. Não faltou, enfim, a violência física, combinada à exploração da miséria, traços essenciais do colonialismo escravocrata e das práticas de poder do Antigo Regime.⁴⁶

Emanuel Araújo, no capítulo ‘*Arte da sedução: sexualidade feminina na colônia*’, do livro *História das mulheres no Brasil* (2004), afirma que a coerção social sofrida pelas mulheres da colônia respondia a um projeto de controle ininterrupto. As leis do Estado e da Igreja, a vigilância dos pais, irmãos e tios ou tutores, e a coerção informal da comunidade local revelam os costumes misóginos marcantes do contexto. O objetivo principal era abafar a sexualidade feminina: o medo comum de que o equilíbrio doméstico, a ordem das instituições civis e eclesiásticas, e a segurança da comunidade fossem abalados pelo desvio feminino do comportamento moral desejado.

⁴⁶ Ibid., p. 240-2.

As mulheres enfrentavam outros estigmas: acusações de feitiçaria, saberes e poderes satânicos. O famoso tratado de demonologia *'Malleus maleficarum'* (1486), publicado pelos dominicanos alemães Heinrich Khämer e Jakob Sprenger apresentava a mulher como um animal imperfeito, possuidora de língua traiçoeira, contrária à retidão. Sua natureza é mais impressionável e propensa ao espírito maligno, por isso, toda bruxaria tinha sua origem na cobiça carnal e insaciável das mulheres.

Araújo lembra a importância atribuída aos manuais de educação para meninas do século XVII e XVIII. Estes manuais visavam o adestramento da sexualidade feminina. Ensinavam recato, pureza, submissão aos pais, irmãos e maridos, as prendas domésticas, a evitar toda aparência do mal (sedução, erotismo ou artes malignas), o cuidado com o marido, a santidade, religiosidade e reclusão. A educação feminina possuía conteúdo e propósitos específicos. Tudo inspirava obediência e aceitação da superioridade masculina.

Mary Del Priore, no capítulo *'Magia e medicina na colônia: o corpo feminino'*, do livro acima citado, explica que a medicina colonial traduzia um conjunto de juízos e valores fortemente misóginos e preconceituosos sobre o corpo da mulher. Os documentos científicos, tratados, manuais e receituários da época apresentam uma preocupação central: a madre (o útero). Neste contexto, a medicina colonial reforçava a idéia amplamente difundida de que o estatuto biológico da mulher, isto é, o fim maior do corpo feminino era o de parir e procriar. Esta concepção médica estava contaminada pela crença geral de que a "fêmea não devia ser mais do que terra fértil a ser fecundada pelo macho"⁴⁷. As doenças do corpo feminino geralmente tinham relação com manifestações demoníacas. O conhecimento médico, no contexto colonial, não conseguiu se desvencilhar dos preconceitos da época. Priore resume brilhantemente este cenário misógino quando afirma: "a medicalização da mulher era também sua demonização".⁴⁸

⁴⁷ PRIORE, Mary Del. *Magia e medicina na colônia: o corpo feminino*. In: Id. *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004. p.82.

⁴⁸ Ibid., p.83.

As proposições de Emanuel Araújo e Mary Del Priore corroboram e aprofundam a discussão iniciada por Freyre (em *Casa-Grande & Senzala*) sobre a coerção social, o controle sexual-moral e a demonização da mulher na sociedade colonial. Uma sociedade marcada por idéias e costumes misóginos.

Considerações Finais

Freyre foi refém de seu contexto histórico. Os equívocos e distorções de sua análise social não podem ser negligenciados. Mas o autor também inovou, e influenciou gerações de pensadores.

Para compreender a magnitude desta inovação precisamos interpretar as categorias de seu pensamento. Freyre aprendeu lições importantes com grandes mestres. Com o antropólogo Franz Boas aprendeu a valorizar as particularidades históricas e sociais; a importância das relações psicoafetivas e psicossociais, e da relação indivíduo-sociedade na análise sociológica; o estudo de caso detalhado e exaustivo. Com escritores de romance policial (Allan Poe e Conan Doyle) aprendeu que não devemos desprezar os pormenores reveladores. Dos escritores Walter Pater, G.K.Chesterton, Marcel Proust absorveu a análise sociológica de objetos como roupas, móveis, alimentos, peças de arte, entre outros. Com o sociólogo Herbert Spencer aprendeu a conciliar os antagonismos e a valorizar a relatividade do conhecimento.

Freyre lançou mão de todos os recursos possíveis. Em *Casa-Grande & Senzala*, muitas vezes o íntimo e o social se conjugam em um só plano.

[...] Casa-Grande & Senzala começa pelo familiar que, segundo Hegel, é o mistério do mistério. Para alcançar o contentamento de si, o conhecimento da subjetividade do pai, da mãe, dos filhos, da criadagem. Na forma de reconstruir a vida dos nossos antepassados quase

desaparece da narrativa a visão adulta. É a história da vida de menino no Brasil. [...] Quanto ao método, é ele mesmo, pessoal, intransferível.⁴⁹

Freyre ensaiou a construção de uma história do cotidiano e privilegiou temas posteriormente valorizados pelos historiadores franceses representantes da *Nova História*, movimento que surgiu na França a partir de 1960, difundido pelos herdeiros da *Escola dos Annales*, iniciada nos anos 30, por Marc Bloch e Lucien Febvre.⁵⁰ Historiadores como Fernand Braudel, interessaram-se pela história da vida material, enquanto Georges Duby e Philippe Ariès voltaram-se para a história da família, da sexualidade, do amor, do corpo e das mulheres. Os defensores deste movimento instauraram a valorização da história do cotidiano e da história da vida privada na historiografia.

A discussão sobre o público e o privado aparece em sua obra na análise de temas centrais como: miscigenação, sociedade patriarcal-agrária-escravocrata, família, escravidão, gênero e sexualidade. Esta relação entre o social e o individual perpassa toda a sua metodologia de pesquisa. Ao eleger a esfera íntima como instância mais expressiva da pesquisa sobre a formação do Brasil, Freyre preferiu o recorte *Micro-Histórico* na análise sociológica. Perspectiva que se consolidou apenas por volta de 1970, com o empenho de um pequeno grupo de historiadores italianos liderados por Eduardo Grendi, Giovanni Levi, Carlo Poni e Carlo Ginzburg.

Muitos críticos do pensamento de Gilberto Freyre erram por exigir de sua obra mais do que o autor pretendia (ou poderia) oferecer. Alguns não conseguem esconder a má vontade que alimentam com relação as proposições freyreanas. Outros desconhecem e negligenciam sua filiação teórica-metodológica, arriscando-se em análises ingênuas, descabidas.

⁴⁹ VASCONCELLOS, Gilberto F. *O xará de Apipucos*. São Paulo: Casa Amarela, 2000. p. 20.

⁵⁰ BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991. p. 23.

Alguns acusadores do autor ignoram sua aproximação com os estudos de M. Bakhtin (1970) sobre o conceito de *'circularidade da cultura'*. Bakhtin reconhecia a relação de influências mútuas entre a cultura dominante e as culturas subalternas. Entre dominadores e dominados não ocorre apenas dicotomia cultural. A interdependência entre estes grupos estabelece 'relações de circularidade' ou 'influxo recíproco' entre cultura subalterna e cultura hegemônica. A análise de Bakhtin conduz o pesquisador ao reconhecimento inequívoco de que não ocorre sujeição absolutamente passiva da cultura subalterna, mas trocas culturais constantes e dialéticas. A cultura hegemônica sofre influências do grupo subalterno. Esta influência adquire (com o tempo) caráter estruturante e se manifesta na dialeticidade das relações sociais (em áreas fundamentais da vida como: a religiosidade, a afetividade, as artes, os costumes, a vida íntima e os significados de gênero socialmente construídos). Freyre compreendia este influxo recíproco nas relações sociais entre a Casa-Grande e a Senzala, pois reconheceu (em diversas passagens de seu livro) a influência cultural decisiva dos grupos étnicos (índios e negros) subjugados na formação do Brasil. Para Freyre, este contato resultou na influência e contribuição material, física, afetiva, sensível, imaginativa, sexual, religiosa na formação da sociedade colonial.

Freyre não desconhecia a existência de outros modelos familiares, mas elegeu a família patriarcal como microcosmo social mais expressivo das relações sociais na colônia. Sua preferência pela família aristocrática é questão de método. Filho de herdeiros da aristocracia pernambucana, o autor valorizou a possibilidade de pesquisar sobre a família brasileira considerando suas próprias origens. A acusação de que Freyre destruiu as 'histórias particulares' é descabida, pois como seguidor do 'culturalismo americano', o autor às vezes exagera na importância que atribui ao estudo de casos detalhados, e reforça sua análise com a discussão de particularidades históricas nunca antes verificadas na sociologia brasileira. Afirmar que Freyre estava mais preocupado com detalhes folclóricos e superficiais do que com a multiplicidade das relações particulares é descambar por uma crítica que diminui a importância do folclore

na pesquisa social. A leitura atenta de *Casa-Grande & Senzala* seduz o leitor pela profundidade com que o autor discute a formação histórica e cultural brasileira.

O autor não nega as relações de poder entre senhores e escravos. Violência, abuso e degradação sexual são temas recorrentes em seu texto. Freyre não descamba para a análise fácil que desconsidera os encontros afetivos e as paixões incontidas entre brancos e negras. No entanto, a generalização destes 'encontros confraternizantes' acabou adocicando a dominação e o racismo do conquistador. Vainfas acerta ao denunciar os limites da 'abordagem freyriana' alicerçada nas possibilidades de harmonia e confraternização entre dominadores e dominados.

Algranti corrobora algumas proposições estruturantes da análise freyriana: o estudo dos detalhes da vida íntima e a busca de indícios na análise sociológica. Quanto ao cuidado com os relatos de viajantes e jesuítas sobre a história das mulheres da colônia, Freyre já havia alertado seus leitores sobre os preconceitos presentes nestes registros. Araújo e Priore acrescentam aspectos importantes à discussão inaugurada por Freyre: a discussão sobre a coerção social e a vigilância da sexualidade feminina; a misoginia presente nos costumes, leis e textos do período colonial; a medicalização e demonização do corpo feminino enriqueceram significativamente a análise histórica e sociológica dos temas discutidos em *Casa-Grande & Senzala*.

O senhor e o escravo, a senhora e a negra, a cama e a cozinha aparecem na obra de Freyre como expressões preponderantes dos antagonismos entre dominadores e dominados. Este dualismo conceitual das relações de poder e sujeição não representa a desconsideração da diversidade de relações sociais entre os indivíduos e instituições. Trata-se de um recurso metodológico. No penúltimo parágrafo (do primeiro capítulo) lemos: "Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos nas primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos". Freyre

busca o equilíbrio entre os opostos. Dos encontros e desencontros entre grupos sociais antagônicos e complementares surgiu à sociedade colonial brasileira: síntese de nova ordem.

Referências

ALGRANTI, Leila M. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edumb, 1993.

_____. *Famílias e vida doméstica*. In: MELLO e SOUZA, Laura de (Org). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. – São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1.

BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Um livro perene - apresentação da edição comemorativa dos 70 anos de Casa-Grande & Senzala*. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. – São Paulo: Global, 2003.

CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira*. In: ALMEIDA, Maria Suely K. de (Org). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 30 ed. – Rio de Janeiro: Record, 1995.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. – São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 152 e 177.

NOVAIS, F. A. *Condições de privacidade na colônia.* In: MELLO e SOUZA, Laura de (Org). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.** – São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1.

PRIORE, Mary Del. *Magia e medicina na colônia: o corpo feminino.* In: Id. *História das mulheres no Brasil.* 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. *Moralidades brasílicas.* In: MELLO e SOUZA, Laura de (Org). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.** – São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1.

ROLAND, Maria Inês de. *Gilberto Freyre.* – São Paulo: Ícone, 2000.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O xará de Apipucos.* – São Paulo: Casa Amarela, 2000.

VENTURA, Roberto. *Casa-Grande & Senzala.* – São Paulo: Publicafolha, 2000.